

LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA: NARRATIVAS, POVOS DO CAMPO E A PRODUÇÃO DE “NÃO-EXISTÊNCIA”

Mariana Martins de Meireles

marianabahiana@hotmail.com¹

Resumo:

O texto se insere no âmbito dos estudos sobre livro didático, um artefato discursivo, produtor de narrativas, racionalidades e visões de mundo. O trabalho resulta de uma investigação realizada com obras didáticas de Geografia aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/edital 02/2015), destinadas aos anos finais do Ensino Fundamental. Do ponto de vista metodológico, cabe destacar que em função da dispersão de dados acumulados na referida pesquisa, utilizamos como corpus analítico neste trabalho apenas informações retiradas da coleção Projeto Apoema, cujo o conteúdo nos interpela quanto ao tratamento dado aos povos do campo. Nessa perspectiva, a investigação moveu-se a partir das seguintes questões: De que modo os povos do campo aparecem no livro didático de Geografia? Quais narrativas imperam na abordagem dos conteúdos? Na análise empreendida, a pesquisa revelou a presença hegemônica da narrativa urbana, face ao “apagamento” dos povos dos campos nos livros didáticos de Geografia. Tal “ausência” manifestou-se de forma excludente, destrutiva e silenciosa, produzindo, de certa maneira, a “não-existência” desses povos. Isso posto, consideramos imprescindível a proposição de outras racionalidades e epistemologias nos livros didáticos, desta vez, partindo de narrativas que ampliem as experiências, bem como os quadros de realidade e incluam o mundo da vida dos povos do campo, que de acordo com a história tiveram suas espacialidades e faces negadas.

Palavras-chave: Livro didático, Povos do campo, Anos Finais do Ensino Fundamental.

Introdução: situando o debate

*A única coisa da qual tenho certeza agora é que do lugar de onde estou não há mais
incomodo, não mais [...] estou aqui, estou aqui, bem aqui. Ei, eu estou aqui!*
(Jérémy Clapin, 2008)

As últimas palavras pronunciadas por Henry na animação *Skhizein*², soam como urgência e inspiração metafórica para pensarmos questões centrais que mobilizam a escrita deste texto. De certa forma, no eco de suas últimas palavras, o personagem nos convoca a

¹ Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP|UFRB). Doutora e Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Licenciada em Geografia (UNEB). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO) e do Observatório em Educação do Vale do Jiquiriçá (OBSERVALE).

² Animação francesa vencedora de vários prêmios CANNES, 2008 e Festival Anima Mundi, 2009.



enxergá-lo do modo como é e onde está. Nesse sentido, é possível fazer uma alusão quanto a visibilidade dos povos do campo e ao lugar que estes ocupam nos livros didáticos de Geografia.

De modo geral, identificamos nas coleções didáticas conteúdos, atividades e imagens relacionadas aos povos do campo e aos seus espaços, quase sempre associada a uma base essencialista, que reduz os quadros de realidade e experiências de tais sujeitos ao trabalho, especificamente, ao trabalho agrícola. O campo comparece apenas como lugar de produção material, espaço de implementação do capital, não como espaço de produção da existência. Estas narrativas, distanciam-se da concepção de campo como espaço físico e social; lugar onde se vive e produz a vida, onde o sujeito vê e apreende o mundo (MOREIRA, 2005).

Tal representação sobre o campo, produtora de ausências e difundida nos livros didáticos, tem relação direta com a realidade agrária brasileira, visto que, a presença de políticas neoliberais, alavancadas pelo capital, têm instaurado um campo exclusivamente produtivista, ligado aos interesses do agronegócio e de seus velhos atores. Nesse cenário, marcado pela modernização agrícola, intensificação do latifúndio e a ausência de direitos básicos, por vezes, esgarçam-se as condições de existência no espaço rural e, conseqüentemente, ocorre a migração das pessoas. Esse movimento de “empurrar” as pessoas para fora do campo acarreta na violação de modos de vida, o que se estende para os modos produção espacial, fazendo insurgir o “mito do desaparecimento do rural” e de seus sujeitos.

Dada a importância destes povos na formação e organização do território brasileiro, consideremos necessário o alargamento das experiências sobre o campo e seus sujeitos no âmbito dos materiais didáticos, na perspectiva de pensar sobre as suas condições de existência, revelar suas faces, saberes e protagonismos. Ao ressignificar o conceito de campo, questionamos a ideia de espaço atrasado que, atendendo aos ditames de uma “modernidade”, precisa sucumbir em função do modelo urbano e industrial de sociedade. Com isso, relativiza-se aquele campo destruído, fracassado e amordaçado pela urbanização homogeneizadora e defende-se outras epistemologias sobre o campo.

Estas considerações contribuem para introduzir o debate sobre livro didático, povos do campo e a produção de “não-existência” (SANTOS, 2003). Neste trabalho, buscamos analisar as inscrições dos povos do campo nos livros didáticos, prestando atenção nas narrativas difundidas através dos conteúdos geográficos. Desse modo, a pesquisa orientou-se através das seguintes questões: *De que modo os povos do campo aparecem no livro didático de Geografia?*

Quais narrativas imperam na abordagem dos conteúdos? Na análise empreendida, procuramos identificar conteúdos, imagens e atividades relacionadas aos povos do campo, observando assim, suas formas de inserções ao longo dos volumes da coleção.

Este texto se insere no âmbito dos estudos sobre livro didático, um artefato discursivo, produtor de racionalidades, narrativas e visões de mundo. O trabalho resulta de uma investigação realizada com obras didáticas de Geografia aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático³ (edital 02/2015), destinadas aos anos finais do Ensino Fundamental. Do ponto de vista metodológico, cabe destacar que em função da dispersão de dados acumulados na referida pesquisa, neste trabalho, utilizamos como *corpus* analítico apenas informações retiradas da coleção *Projeto Apoema*, cujo o conteúdo nos interpela quanto ao tratamento dado aos povos do campo.

A coleção em análise, é composta por quatro volumes do Livro do Estudante (6º, 7º, 8º, 9º), possuindo a seguinte estrutura: Carta de Apresentação direcionada aos alunos, seguida de uma Apresentação Geral do material, objetivos de cada unidade, objetivos dos capítulos e das atividades teórico-práticas. Na sequência, cada volume traz o sumário, as unidades temáticas, os capítulos, as seções e subseções que incorporam tópicos de conteúdos, leituras complementares e atividades didático-pedagógicas e, ao final, as Referências. A seguir, apresentamos a análise do material empírico, depurando alguns dados extraídos da coleção.

Povos do campo e a produção de não-existência

[...] há produção de não-existência sempre que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um modo irreversível. O que une as diferentes lógicas de produção de não existência é serem todas elas manifestações da mesma monocultura racional (SANTOS, 2003, p. 787)

³ “Recentemente, os investimentos realizados neste programa o consolidou como um dos maiores programas de livro didático do mundo, dada sua abrangência em escala nacional, sua importância pedagógica e seu caráter econômico. Nos últimos cinco anos, o governo brasileiro investiu pouco mais de 5 bilhões de reais na compra e distribuição de livros didáticos para escolas públicas no Brasil. Em 2017, por exemplo, foram distribuídos 175 milhões de exemplares de ensino fundamental por todo território nacional. Essa expressividade numérica indica a importância dada pelo Estado a esse material didático, e o seu poder de difusão nas instituições de ensino e, por consequência, na utilização pelos professores de Geografia. O livro didático constitui-se ainda hoje, mesmo com a inserção de outros recursos didáticos, como a principal referência teórico-metodológica utilizada em sala de aula. De certo modo, o livro didático pode ser compreendido como um elemento comum aos estudantes brasileiros, gerando uma determinada uniformização curricular” (CORRÊA; MEIRELES, 2018, p. 85).



As palavras que inauguram a escrita desta seção, podem ser retomadas para situar o debate sobre a presença dos povos do campo nos livros didáticos de Geografia. De certo modo, elas estilham o silêncio e escancaram a invisibilidade destes povos frente a supremacia da racionalidade urbana que impera em tais materiais. Neste caso, a produção da “não-existência” atende a um modelo hegemônico, excludente e seletivo de construção dos quadros de realidade, implicando desse modo, na fabricação de narrativas sobre os espaços, os sujeitos e o mundo.

Esta discussão toma como referência noções cunhadas por Boaventura de Souza Santos (2003) no âmbito do que ele denominou de “sociologia das ausências”, cuja a perspectiva teórica busca subverter a produção de ausências transformando-as em objetos presentes. A crítica a esta produção de ausências e o inconformismo ante o desperdício das experiências sociais, faz emergir realidades e sujeitos que historicamente tiveram suas faces ocultadas e/ou estereotipadas por matrizes sociais dominantes, como é o caso dos povos do campo.

Mas afinal quem são os povos do campo? Para responder esta indagação tentamos alargar a noção apresentada nos livros didáticos, propagadas pelas mídias que reduz o sujeito do campo ao agricultor, buscando, portanto, enaltecer sua diversidade. Assim sendo, entendemos que este é um conceito amplo que abrange:

[...] os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural [...] (BRASIL, 2002, p. 29).

Esta concepção de povos do campo rompe com a visão homogênea e essencializada destes povos e faz emergir faces múltiplas sobre estes sujeitos e seus espaços de produção da vida. A diversidade apresentada revela que tais sujeitos produzem geografias outras, realidades produzidas, de certo modo, como ausentes nos mais diversos materiais didáticos e discursos que circulam nas escolas e espaços de formação. A colonização que esfacela os modos de apreensão do mundo, condiciona os sujeitos, também, a não construir estratégias para transformar suas realidades já que elas são dadas, por vezes, como inexistentes. A sociologia das ausências arriscar-se, pois, a “mostrar que o que não existe é produzido ativamente como não-existente, como uma alternativa não-crível, como uma alternativa descartável, invisível à realidade hegemônica do mundo” (SANTOS, 2002, p. 249).

Na análise da coleção *Projeto Apoema*, identificamos a hegemonia dos conteúdos no tange a supremacia de uma visão de mundo urbana desde a composição do sumário. Vejamos sua organização: O Livro do Estudante do 6º ano divide-se em quatro unidades temáticas, as temáticas são: Paisagem; Localização e representação do espaço; Biosfera: litosfera e hidrosfera; Biosfera: atmosfera e formações vegetais. O Livro do Estudante do 7º ano divide-se em quatro unidades e ocupa-se em estudar: Localização e caracterização do espaço geográfico brasileiro; Os diversos Nordeste; O Centro-Sul; A Amazônia brasileira. O Livro do Estudante do 8º ano divide-se em quatro unidades contemplando os seguintes conteúdos: O mundo dividido; América Latina; América Anglo-Saxônica; África. O Livro do Estudante do 9º divide-se em quatro unidades, cujas temáticas são: Europa; Oriente Médio e Índia; Japão China e Sudeste Asiático; Oceania e Antártica. A seguir exibimos duas amostras de sumário retiradas dos volumes do 6º e 7º ano.

Figura 01: Sumário 6º ano

Unidade 2	Localização e representação do espaço	58
Capítulo 6 – ORIENTAÇÃO.....	60	▶ Os mapas contam e fazem a história 88
▶ Orientação pelo Sol	62	▶ Para caber no papel
▶ Orientação pela Lua e pelas estrelas	65	▶ Agora é com você.....
▶ Orientação pela bússola.....	66	
▶ Agora é com você.....	68	Capítulo 9 – LENDO AS REPRESENTAÇÕES
Capítulo 7 – LOCALIZAÇÃO: COORDENADAS GEOGRÁFICAS	71	CARTOGRÁFICAS
▶ Paralelos e latitudes.....	72	▶ Diferentes mapas
▶ Bagagem cultural:		▶ Desenhando a Terra
Constelações.....	74	▶ Tipos de projeções cartográficas.....
▶ Meridianos e longitudes.....	76	▶ Agora é com você.....
▶ Utilizando as coordenadas geográficas.....	77	▶ Com a palavra, os especialistas:
▶ Agora é com você.....	81	Paulo Márcio Leal de Menezes
Capítulo 8 – MAPEANDO O ESPAÇO	83	e Manoel do Couto Fernandes.....
▶ Mapas.....	85	▶ Resgatando conteúdos

Fonte: Coleção Projeto Apoema (2016)

Figura 02: Sumário 7º ano

Unidade 2	Os diversos nordestes	90
Capítulo 6 – LOCALIZAÇÃO E OCUPAÇÃO	92	Capítulo 9 – UMA REGIÃO COM DIFERENTES
▶ Agora é com você.....	95	ESPAÇOS GEOGRÁFICOS.....
Capítulo 7 – A POPULAÇÃO DO NORDESTE	96	▶ Zona da Mata
▶ Questões sociais	97	▶ Agreste.....
▶ Manifestações culturais.....	99	▶ Sertão.....
▶ Agora é com você.....	102	▶ A questão da seca.....
Capítulo 8 – OS ELEMENTOS DA NATUREZA		▶ Meio-Norte.....
E A REGIÃO NORDESTINA.....	103	▶ Agora é com você.....
▶ O relevo e a hidrografia do Nordeste.....	105	▶ Com a palavra, os especialistas: Manuel
▶ O clima e a vegetação.....	107	Correia de Andrade e Celso Furtado.....
▶ Bagagem cultural: São Francisco,		▶ Resgatando conteúdos
o rio-mar	110	
▶ Agora é com você.....	112	



Fonte: Coleção Projeto Apoema (2016)

As duas amostras colaboram para tencionar o debate sobre o trabalho com referenciais espaciais que adotam como centralidade realidades urbanas. Quando analisamos os conteúdos geográficos das unidades temáticas notamos que a visão de mundo apresentada é reduzida aos modos de produção e organização espacial urbana. Não há menção de referenciais de localização que evidenciem as especificidades do espaço rural e suas lógicas. O espaço geográfico é apresentado como homogêneo, estruturado a partir de conceitos universalizantes e de representações mentais que não levam em consideração as especificidades cartográficas do campo, antes, reforçam a aprendizagem de uma cartografia urbanocêntrica.

Neste caso, pode-se inferir que, a realidade do campo é produzida como ausente. Negam-se convenções cartográficas e estratégias de orientação espacial desses povos, que por sua vez, se diferem daquelas aplicadas ao espaço urbano, como por exemplo as noções de rua, vizinhança, distância, proximidade, etc., bem como a lógica de seus fixos e fluxos. Não identificamos, nessa direção atividades relativas à elaboração de mapas que priorizem outras lógicas de representação e pensamento espacial para além das urbanas. Práticas com a cartografia social e/ou insurgente⁴ poderiam ser uma possibilidade didático-pedagógica para esta transgressão.

Desse modo, partindo de uma perspectiva contra-hegemônica, uma questão se anuncia: *Existe raciocínio geográfico fora das espacialidades urbanas?* Acreditamos que sim. O campo e seus sujeitos nos confirmam tal realidade através dos modos como usam, organizam e produzem suas geografias. A “sociologia das ausências” pode nos ajudar a alargar este

⁴ “Se a Cartografia Social tem por um dos objetivos o enfrentamento a uma cartografia técnica acadêmica hegemônica ocidental branca cristã, a palavra e o conceito insurgente nomeia de forma objetiva esse enfrentamento e o lado que estamos nessa sociedade. A Cartografia Insurgente aparece como uma parte da ciência cartográfica que é construída pelos oprimidos e oprimidas a partir de um processo participativo e crítico tendo como princípios a vivência e a experimentação desses oprimidos em determinados espaços [...]. É caracterizada pela demarcação espacial de espaços em disputa, de grande interesse socioambiental, econômico e cultural, com vínculos ancestrais e simbólicos. [...]. Nesse sentido, a Cartografia Insurgente materializa o sentimento de pertencimento à terra, à história, às lutas, à identidade, às práticas, às vivências, aos rituais, a ancestralidade entre outros, formando o que chamamos dos territórios vividos” (GOULART, 2017, s/p).

raciocínio e cosmovisão, visto que, tal perspectiva busca revelar a diversidade e a multiplicidade das práticas sociais, valorizando-as em contraponto às práticas sociais hegemônicas, sustentando a ideia de que a realidade não pode ser reduzida ao que existe (SANTOS, 2003, p. 750). Acreditamos, portanto, na insurgência de outras cartografias nos livros didáticos, cartografias que ampliem os espaços e escancarem realidades invisíveis, cartografias outras que não mais abreviem o mundo, suas gentes e suas práticas.

De certo modo, esta reivindicação fundamenta-se nos marcos legais que regem a Educação do Campo (BRASIL, 2002), bem como nos marcos normativos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), especificamente citamos o edital 02/2015 que determina que os livros didáticos devem “representar as diferenças políticas, econômicas, sociais e culturais de povos e países” (edital 02/2015). Uma das perguntas da ficha avaliativa colabora para o tencionamento desta questão: “A obra considera a participação dos afrodescendentes, descendentes das etnias indígenas brasileiras e dos povos do campo em diferentes trabalhos, profissões e espaços de poder, valorizando sua visibilidade e protagonismo social?”. Através da referida questão, buscamos identificar possíveis inserções da temática na coleção em análise, no que tange particularmente, a presença dos povos do campo nos livros didáticos de Geografia.

Figura 03: Sumário 6º ano

Unidade 1	Paisagens	10
Capítulo 1 – PAISAGEM E LUGAR.....	12	
▶ A história e a cultura presentes nas paisagens.....	17	
▶ Agora é com você.....	20	
Capítulo 2 – OBSERVAÇÃO DA PAISAGEM.....	21	
▶ Planos da paisagem.....	22	
▶ A percepção e a representação da paisagem.....	24	
▶ Agora é com você.....	28	
Capítulo 3 – A AÇÃO HUMANA E AS MUDANÇAS NA PAISAGEM.....	30	
▶ Paisagem e técnica.....	31	
▶ Elementos que retiramos da natureza.....	33	
▶ Agora é com você.....	36	
Capítulo 4 – AÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	38	
▶ Bagagem cultural: Casa sustentável.....	44	
▶ Agora é com você.....	46	
Capítulo 5 – NATUREZA E MUDANÇA.....	47	
▶ As mudanças geológicas ao longo do tempo.....	50	
▶ Agora é com você.....	53	
▶ Com a palavra, a especialista: Thérèse Hofmann Gatti.....	55	
▶ Resgatando conteúdos.....	56	

O

ebate sobre

paisagens. A unidade compo... preocupação da coleção em abordar de maneira extensiva os diferentes tipos de paisagens, a ação antrópica, bem como as implicações da relação espaço-tempo no processo de produção do espaço geográfico. Tanto na abordagem dos conteúdos, quanto na proposição de atividades desenvolvidas nas mais diversas



seções e boxes, há predominância da paisagem urbana. O campo, ou melhor, elementos deste recorte espacial, comparece apenas em algumas imagens quando se aborda a diferença entre paisagem natural e humanizada, ou em seções como *bagagem cultural* que trata sobre uma “casa sustentável”, como identificamos no capítulo quatro.

No capítulo três, os conteúdos priorizam o trabalho com o conceito de paisagem a partir de elementos naturais e suas transformações pela ação humana. Embora, ocorra o tratamento da temática campo na unidade I do livro do 6º ano, a representação anunciada é ainda redutora da realidade, pois apresenta um campo, muitas vezes esvaziado de gente, reservado apenas à produção material. As faces dos sujeitos quando aparecem, estão associadas, quase sempre, ao trabalho com a terra ou com a produtividade que marca sua passagem sobre tal espaço. Esta inserção pontual e reduzida da temática colabora, em certa medida, para a produção da “ não-existência” dos povos do campo e suas espacialidades nos livros didáticos de Geografia. Para Santos (2008), “a produção social destas ausências resulta na subtração do mundo e na contração do presente, e, portanto, no desperdício da experiência” (p.104).

A seguir, têm-se dois exemplos, retirados do volume do 7º ano, que indicam modos de inserção da temática na coleção e reiteram nossas considerações anteriores.

Figura 03: Sumário 7º ano



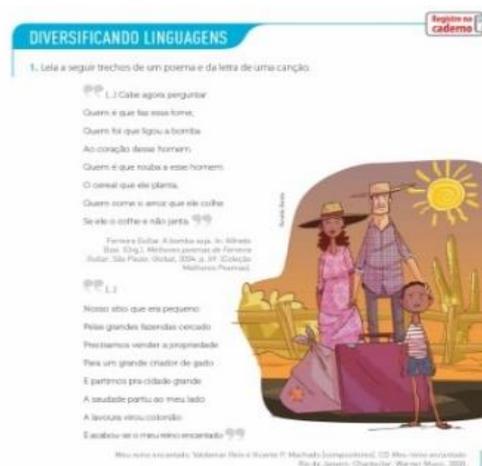
Figura 04: Sumário 7º ano



Fonte: Coleção Projeto Apoema (2016)

As figuras 3 e 4 são exemplos extraídos do volume do 7º ano que abordam conteúdos relativos à temática do campo, especificamente sobre o espaço rural brasileiro. Estas foram as únicas páginas da coleção que observamos diretamente a inserção da discussão sobre o campo e parte de seus elementos. Mas, reparem nas imagens. Que campo é esse? Onde está sua gente, seu povo? Que compreensão podemos chegar a partir dos textos, do infográfico e das imagens? Novamente comparece a imagem de um campo essencialmente produtor, associado à agricultura e à agropecuária. Todos os exemplos demonstram um campo produtivista, mas não o associam ao espaço do acontecer da vida. Não se visualiza o campo, enquanto lugar de tensão e luta pela manutenção da existência, a não ser quando se discute questão agrária e êxodo rural no livro do sétimo ano. Na abordagem destes conteúdos, nota-se uma imagem estereotipada de povos do campo, representada por uma família de retirante, como demonstra a figura abaixo.

Figura 05: Retirantes



Os dados nos colocaram Fonte: Coleção Projeto Apoema (2016) *ção: inserir a temática é contemplar o debate?* Nossas análises indicam que não. Chegamos à conclusão que a representação de campo difundida pela coleção não abarca sua diversidade, tão pouco a de seus sujeitos que, violentamente têm suas faces negadas. Não se manifesta nos volumes a



heterogeneidade dos modos de experimentação do mundo rural pelos seus atores. Não há conteúdos que remetam a valorização de suas experiências e saberes. Não há indicação da participação desses povos em espaços de poder, também não identificamos registros quanto às suas contribuições na produção e organização do espaço geográfico brasileiro. Esta sucessão de negação e redução da realidade camponesa, indica a produção intencional de ausências, ou seja, de “não-existência” desses sujeitos e de seus mundos.

Notas finais e outras rasuras possíveis

Neste trabalho buscamos discutir questões relacionadas aos povos do campo e como estes aparecem nos livros didáticos de Geografia, buscando compreender quais narrativas imperam em tais materiais. Para tanto, nos debruçamos sobre uma coleção didática observando cautelosamente seus conteúdos, atividades e imagens para identificar possíveis formas de inserção da temática em estudo. Realizou-se, inicialmente, um levantamento a partir do sumário de cada volume da coleção, em seguida adentramos os capítulos, subcapítulos e seções. O *corpus* analisado, apontou fragilidades, bem como ausências no tratamento da temática.

Nessa perspectiva, na análise empreendida, a pesquisa revelou a presença hegemônica da narrativa urbana, face ao “apagamento” dos povos dos campos nos livros didáticos de Geografia. Tal “ausência” manifestou-se de forma excludente, destrutiva e silenciosa, produzindo, de certa maneira, a “não-existência” desses povos. Isso posto, consideramos imprescindível a proposição de outras racionalidades e epistemologias nos livros didáticos, desta vez, partindo de narrativas que ampliem as experiências, bem como os quadros de realidade e incluam o mundo da vida dos povos do campo, que de acordo com a história tiveram suas espacialidades e faces negadas. É tempo, pois, de fazer insurgir mundos que secularmente tiveram sua existência real encoberta, violentada, negada.

Para tanto, torna-se necessário fraturar racionalidades impostas, romper com a produção da exclusão que historicamente marcou os povos do campo e, portanto, esquadrihar outras geografias que incluam seus saberes silenciados, suas vozes sucumbidas, suas espacialidades abreviadas. Outras geografias que incorporem suas formas de se relacionar com a terra, de habitar o mundo. É tempo, pois, de contestar a lógica urbanocêntrica que impera nos livros didáticos e orienta a produção de conhecimento sobre o mundo. Diante do exposto, uma questão



se inscreve: Quem sabe não seria possível rasurar outras geografias nos livros didáticos, borrando suas narrativas urbanocêntricas e considerando nesta feitura o “lugar-campo” vivido e experienciado pelos seus sujeitos? Talvez assim, e somente assim, poderíamos então utopicamente “[...] transformar objetos impossíveis em possíveis e com base neles **transformar as ausências em presenças**” (SANTOS, 2008, p. 102) (grifos nossos).

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Resolução CNE/CEB 1, de 3 de Abril de 2002.

CLAPIN, Jérémy. **Skhizein**. Youtube, França, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qxoO3F6N81U>. Acesso em 12/04/2019.

CÔRREA, Gabriel Siqueira. MEIRELES, Mariana Martins de. Eurocentrismo e colonialidade nos livros didáticos de Geografia: narrativas, hierarquias e disputas epistêmicas. In: TONINI, Ivaine Maria *et al.* **Geografia e livro didático: para tecer leituras de mundo**. São Leopoldo; Oikos, 2018, p. 83-103.

GOULART. Fransérgio. **Cartografia Insurgente – Quem constrói nossos mapas somos nós!** Canal Ibase, 2017. Disponível em: <http://www.canalibase.org.br/cartografia-insurgente-quem-constroi-nossos-mapas-somos-nos/> acesso em 13/04/2019.

MOREIRA, R. J. Ruralidades e globalizações: ensaiando uma interpretação. In: MOREIRA, R. J. (Org.). **Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 15-41.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.) **Conhecimento prudente para uma vida decente: “Um discurso sobre as ciências” revisitado**. Porto: Afrontamento, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo. Para uma nova cultura política**. Vol. 4. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.